

Educação na era da hipermediatização: pandemia, plataformas e algoritmos tensionando o fazer educativo¹

Marco Antônio de Oliveira TESSAROTTO²

Flávio Menezes SANTANA³

Vinícius da Silva COUTINHO⁴

Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar as afetações da hipermediatização na educação, problemática esta, impulsionada pelo contexto da pandemia da covid-19. Neste sentido, observamos o cenário acelerado da midiatização (ROSA, 2016; FERREIRA, 2016) e da expansão de suas bordas (FAUSTO NETO, 2009) nos atravessamentos dos processos de ensino e de aprendizagem mediados pelas tecnologias da alma (SODRÉ, 2006). A realidade posta mobilizou um conjunto de metodologias ativas com o intuito de “frear” os fluxos, oportunizando experiências significativas. Para tanto, descrevemos um estudo de caso com o percurso tentativo, na sala remota dos componentes de Fotografia e Fotojornalismo e Teoria da Comunicação II com os estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Barros Araújo.

PALAVRAS-CHAVE: Hipermediatização; Ambientes Virtuais de Aprendizagem; Comunicação e Aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS - COMPREENDENDO O FENÔMENO: DA SALA DE AULA PARA OS ALGORITMOS

O presente ensaio é fruto das observações, vivências e das práticas docentes realizadas pelo pesquisador durante o processo de ensino remoto impulsionado pela pandemia da Covid-19, que deslocou os fazeres da educação do espaço físico da sala aula para outros e novos lugares/tempos. A ida ao ensino remoto (com seus próprios ditames, sequências, plataformas, materiais) suscitou um amplo debate sobre o uso das ferramentas educacionais e, como o/a professor/a, mediador/a mobilizaram estratégias inéditas de interação diante da máquina, objeto “frio”, distante e mal-assombrado. Sobre este último,

¹ Trabalho apresentado no GP 4 – Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Doutor em Ciências da Comunicação. Professor substituto do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus Professor Barros Araújo, Picos/PI. Assistente Pedagógico freelancer da Fundação Roberto Marinho. E-mail: marcoantoniodoliveira@pcs.uespi.br

³ Jornalista, Mestre em Comunicação Social. Professor substituto do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus Professor Barros Araújo, Picos/PI. Diretor Financeiro da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). E-mail: ms.flaviosantana@hotmail.com

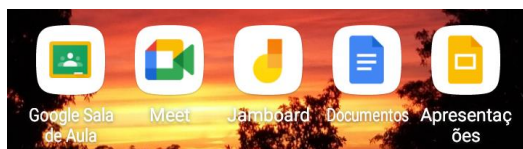
⁴ Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus Professor Barros Araújo, Picos/PI. Integrante da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme/Uespi). E-mail: viniciuscoutinho@aluno.uespi.br

Ariano Suassuna (2014), em suas aulas espetáculos, caracteriza toda e qualquer forma de interação comunicacional mediada por ondas eletromagnéticas.

A pandemia global do vírus SARS-CoVid-19 acarretou um acelerado e intensificado processo de virtualização das interações sociais, esta fase é mais uma etapa da midiaticização, cujos graus/potências foram alargados por uma espécie de reconfiguração da ecologia comunicacional do bios midiático (SODRÉ, 2009). Tal processo é considerado como uma espécie de chave hermenêutica para explicar como o indivíduo/sociedade se percebe a partir do fenômeno da mídia (GOMES, 2006), no qual o material e o simbólico se fundem em um processo-síntese da dialética do sujeito e de seu objeto posto no fluxo. A hipermediatização da educação e de suas estratégias com a mobilização de plataformas de aprendizagem é um modelo mercadológico/ideológico atrelado a novas realidades do ensino e da aprendizagem.

Esse cenário apresentou uma forte intensificação e aprofundamento da midiaticização no processo educacional. Infere-se, a princípio, que o fenômeno do ensino mediado pelas tecnologias é um caminho sem volta⁵ e o modelo 100% presencial representa algo a ser superado por uma nova síntese normativa, representada pelo movimento de idas e vindas entre o remoto e o presencial protagonizado pelo sujeito híbrido. Esta “midiaticização de choque” na educação jamais conjecturava em suas sequências didáticas o estudo/análise desta implementação de um “plano b” para o processo de ensino e aprendizagem mediados pelos dispositivos sociotécnicos.

Figura 1 – Ecologia de plataformas do *Google for Education*⁶



⁵ Experiência que desperta dois sentimentos, o desespero para aqueles educadores sem as habilidades para o uso dos dispositivos interacionais em seus planejamentos. Por outro lado, educadores mais engajados podem acionar os recursos/plataformas e estratégias de gamificação para atrair/oportunizar um espaço mais criativo do conhecimento dentro e fora da sala de aula.

⁶ A plataforma *Google for Education* é controlada pelo *Google*. O *Google* foi criado em 1998 com a missão de “organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil”. A programação por trás de seu motor de buscas, inovou em apresentar as informações mais relevantes aos internautas. A empresa possui como meio de captação de recurso, o *Adword*, canal este de publicidade. Os produtos para a educação surgiram pós- 2006 com a criação do ecossistema do *Google for Education* que, segundo dados de 2020, mais de 120 milhões de estudantes e professores estavam cadastrados na plataforma. A plataforma, *Google Classroom* foi criada em 2014 e desenvolvida para ser uma ferramenta de aprendizagem integrada. Após estudos e avanços técnicos nas redes/dispositivos, o *Google* faz o lançamento em 2017, do *Google Meet*.

Fonte: A extração de tela com os aplicativos para uma experiência básica com a plataforma do *Google for Education*. Os aplicativos consomem uma média de 480 *Megabytes* da memória interna do dispositivo.

Para melhor contextualização, descrevemos a problemática da hipermediatização nas plataformas digitais a partir de um estudo netnográfico (KOZINETS, 2014) sobre o *Google Sala de Aula* mobilizado nas aulas das disciplinas de “Fotografia e Fotojornalismo” e “Teorias da Comunicação II” do curso de Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí, em Picos/PI, durante o semestre letivo 2021.1, ofertado entre os meses de novembro de 2021 a março de 2022. Trata-se de um relato de experiência na condição de pesquisadores e professores substitutos na Universidade Estadual do Piauí (Uespi) que abarca as impressões dos discentes do curso de Jornalismo.

Um dos principais desafios dos componentes disciplinares de “Fotografia e Fotojornalismo” e “Teorias da Comunicação II” foi a aplicação prática do conteúdo. Desta problemática surgiram os seguintes questionamentos: Como mobilizar meios, recursos e materiais para uma prática educacional significativa nas plataformas digitais de aprendizagem? Como superar a instrumentalização da prática educativa em processos imersos em lógicas da hipermediatização, da datatificação e dos algoritmos?

A partir disso, buscamos entender e estabelecer pontes com a prática educativa. Para isso, traçamos por objetivo geral mobilizar ferramentas, estratégias, didáticas já estabelecidas no modelo tradicional, transpondo à plataforma, modelos de aproximação com nosso alunado; e, de forma específica, elaborar sequências próprias e significativas das práticas pedagógicas para o ensino superior remoto; e, deste ponto, estabelecer pontes conceituais das teorias do componente curricular com a práxis na plataforma, a fim de desenvolver canais de interação, reflexão e de avaliação contínua dos processos, ajustando os materiais e a mediação conforme o trânsito entre os momentos síncronos e assíncronos.

Estas três etapas (interação, reflexão e avaliação) foram acionadas com a justificativa de descrever formas, meios e canais adaptativos na própria plataforma que, apesar de seus algoritmos e expertises do algoritmo, o dispositivo é estanque e o fazer humano supera os desafios interacionais destas plataformas de ensino. Neste estudo, justifica-se ainda, a necessidade de colocar em circuito, debate e reflexão modelos tentativos e adaptativos que buscam superar as barreiras da interação “tela à tela”, esforço

este com o objetivo de compor uma comunidade de aprendizagem (FREIRE, 1996) significativa e dinâmica em lógicas de plataformas de ensino remoto.

HIPERMIDIATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E O PAPEL DO EDUCADOR: “O QUE TEMOS PARA HOJE?”

O relato de experiência e estudo de caso com os estudantes da Universidade Estadual do Piauí, do curso de Jornalismo, campus Professor Barros Araújo, nos deparamos constantemente em nossas aulas com os atravessamentos do mundo da vida que passou a ser tensionado pelo digital. Em regiões mais distantes do centro urbano, uma chuva mais forte “tirava” do ar mais da metade dos estudantes.

Figura 2 – Disjunções técnicas do digital



Fonte: Mensagens postadas em grupo de WhatsApp da turma. Extração à esquerda (06/05/2022) com o incêndio na rede elétrica do maior provedor de internet da região; na extração à direita (19/05/2022) são os problemas de conectividade após temporal na cidade.

Neste ponto, em que a tecnologia provoca disjunções e as defasagens ficam mais evidentes, o docente/educador necessita dialogar com os preceitos educacionais do que seriam estas tecnologias da alma, na perspectiva do afeto. Muniz Sodré (2006) citado por Paulo Gasparetto (2009), afirma que, neste atual cenário da hipermediatização, a “alma” dos sujeitos em rede é posta à trabalhar, seu corpo e a máquina (dispositivo técnico) são apenas um suporte para esta gratuidade da essência humana. Na atual conjuntura, o papel do docente, para além da mediação, é uma entrega total de sua essência neste momento

de mediação síncrona, mediando com os presentes e tranquilizando os demais ausentes da aula.

DRIBLANDO AS NORMATIVAS DO ALGORITMO: ESTRATÉGIAS PARA “FREAR” OS FLUXOS DAS PLATAFORMAS

A opção pela educação pública é um ato de doação. O processo seletivo faz parte de um ritualístico academicista que explora essencialmente o domínio teórico e a forma didática de repassar o conteúdo denso e engessado das epistemes. O educador é lançado a um mar de incertezas e, em um contexto de isolamento social, desafiado a conhecer seu/sua educando/a através das telas. Para esta vivência híbrida, não encontramos teorias e/ou didáticas suficientemente prontas/elaboradas.

Esta lacuna, deixada pela academia, forjou uma necessidade urgente de implementar modelos formativos baseados em plataformas digitais. Nos baseamos em critérios como: criatividade, empatia, roteirização/sequência didática para as aulas síncronas. Neste movimento, descrevemos uma tentativa que tratou de estabelecer uma gramática convergente (FAUSTO NETO, 2006) imersa em lógicas de plataformas, algoritmos e de big data.

Neste ponto, destacamos os esforços no sentido de construir pontos e gramáticas discursivas e convergentes no interior das lógicas binárias do *Google Sala de Aula*. A abordagem inicial de aproximação entre sujeitos comunicantes em rede partiu da busca por leituras de mundo (FREIRE, 1996) e dos princípios norteadores da Educomunicação que alicerçou ângulos de observação do empírico extraído e apresentado neste trabalho.

A relação “estudante x professor x materiais” imersos em lógicas de plataformas educacionais faz parte desta ambiência de mediação que “diz respeito à unificação e diferenciação dos mercados discursivos a partir de três dimensões que se afetam mutuamente: os processos comunicacionais, os contextos sociais e os dispositivos midiáticos” (ROSA, 2014, p. 28) passaram a ser mediadas por experimentações tentativas na plataforma do *Google Sala de Aula*.

Em nosso estudo de caso, adotamos a abordagem multimetodológica da netnografia que descreve as ações, possibilitando uma cartografia de atualizações e de temporalidades no sentido de revelar elementos que descrevam e respondam à pergunta e objetivos estabelecidos pelo pesquisador/docente. A escolha da netnografia se justifica

pelo conjunto de características específicas: sua análise é naturalista (surge de forma espontânea no ambiente virtual); imersiva (reflexão do objeto de estudo a partir da dinâmica das atividades e zonas de aproximação); descritiva (retrata determinadas realidades com seus artefatos culturais nos grupos de trabalho). Todas estas características se somam ao recurso e a técnica de “pausar”, observar e coletar do fluxo as ações dos discentes conectados em um Ambiente Virtual de Aprendizagem.

O acionamento das estratégias metodológicas da netnografia nos auxiliou na descrição das marcas e ocorrências constituídas a partir das postagens, interações (nas aulas síncronas) e tipos de gramáticas próprias evocadas pelos estudantes de Jornalismo que, voluntariamente, se distribuíram entre os grupos de trabalho propostas para o Laboratório Prático de Fotografia e Fotojornalismo que continuamente recorreram a uma tentativa de consolidar uma identidade de grupo.

Neste modelo de extração e descrição do empírico, observamos a ocorrência de processos complexos que envolveram à priori: usos e apropriações dos aplicativos (*Google Sala de Aula, Google Meet, Jamboard, Quizizz, Google Documentos e Google Apresentações*); em segundo nível, de suporte tecnológico (dispositivos com suas limitações técnicas) e, por último, edições, reelaborações dos materiais disponibilizados pelos docentes nas plataformas, conforme dinâmica e feedbacks dos/as discentes nas atividades propostas.

Ao realizar este movimento analítico, destacamos que, diante da emergência da midiaticização, há o tensionamento de duas figuras contextuais: do campo da comunicação representada pelos meios; e, outra, do campo midiático, que abarca nesta esfera os sujeitos e os sentidos postos em circulação, mas afetados pela intensa defasagem nos discursos e dos limites técnicos, a exemplo dos travamentos/congelamentos ou pela ausência/insuficiências das redes de internet disponíveis aos estudantes em suas localidades/contextos.

QUEM SOMOS NÓS? ENCONTRO DE “OLHARES” EM TELAS: EXPERIMENTAÇÕES E ZONAS DE APROXIMAÇÃO

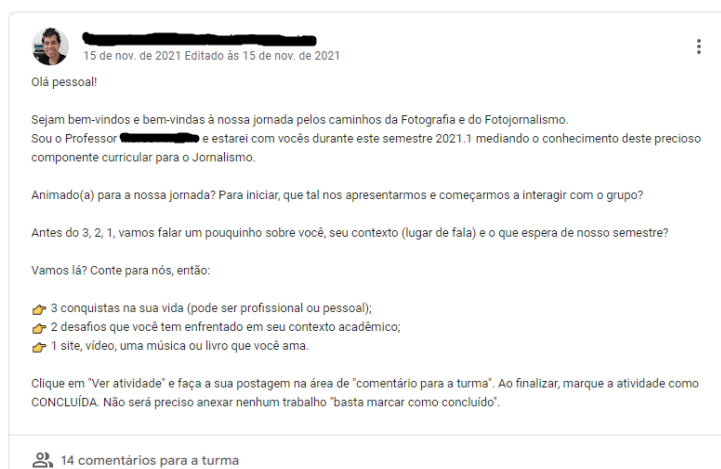
Neste tópico, descrevemos o fenômeno dos usos e apropriações dos dispositivos e meios interacionais virtuais, evocando a noção de Serge Proulx (2016) que, analisa este complexo cenário das digitalizações como mais uma mutação do capitalismo imaterial.

Para ele, a cultura da contribuição percebe na tríade da “tensão” (isolamento social); da “contradição” (interações virtuais/remotas) e da superação (usos, apropriações e sentidos), determinadas operações e modos nos quais a cultura da participação atua na condição de dádivas dos sujeitos inseridos nos meios digitais.

Entendendo o jogo complexo destas interações, suprimindo as defasagens a partir do cenário de distanciamento social, nos interrogamos: Quem são os nossos estudantes? Quais são suas conquistas, desejos e desafios do processo de ensino e aprendizagem em Jornalismo pelas plataformas? O que eles/elas fazem “fora” da rede? O que existe para além daquele momento síncrono? Estas indagações, desde o princípio, mobilizaram esforços no sentido de construir um plano de ensino permeado por eixos/assuntos geradores, contextualizados e dinâmicos.

Os desafios da mediação tecnológica tencionaram estas duas operacionalizações diversas, ao passo em que o “eu” professor imprimia um ritmo no fazer na arte de ministrar aulas/conteúdos, o “eu” estudante e estreado na mediação pedagógica via tecnologias no Ensino Superior, passou a questionar, de antemão, se os objetivos pensados no plano de ensino seriam os mais “acertados” ou plausíveis de mensuração. Para tanto, em um exercício de aproximação entre educador e educando, situamos este último nos múltiplos territórios que abarcam a clientela da universidade. Com o objetivo de compreender a dimensão e bagagem sociocultural, estabelecemos duas atividades de apresentação e de sondagem sobre a relação deste “eu” educando com as imagens.

Figura 3 – Encontrando o “eu” educador com o “eu” educando



Fonte: Extração de tela com atividade de auto apresentação, critérios: descrever três conquistas (pessoais/profissionais), dois desafios enfrentados no atual contexto acadêmico e um site – vídeo – música ou livro que ama.

O contexto da pandemia e do uso excessivo dos dispositivos forneceram elementos para uma interpretação mais apropriada das afetações nas vivências do processo de ensino e aprendizagem mediado pelas tecnologias. Após a diagnose, recorreremos à conceituação Freiriana, que parte de “uma abordagem dialógica de educação em que se esforçava para compreender as expectativas e experiências do estudante” (PATTON; GUIMARÃES, 2018, p. 14-15).

O momento de diagnóstico fornece dados preciosos e reforça a tese Freiriana que o sujeito cognoscente e o processo pedagógico de mediação de saberes encontraram nas plataformas novos e outros modos de operacionalizar planos de ensino desviantes dos modelos preconcebidos pela academia e formulado/experimentado no espaço físico da sala de aula. O processo de ensino remoto exigiu uma nova postura docente para dirimir os efeitos da defasagem representadas em desconexões cognitivas (sobrecarga, ansiedades, desmotivações) e as técnicas (dispositivos com *hardware* ou conectividade insuficientes).

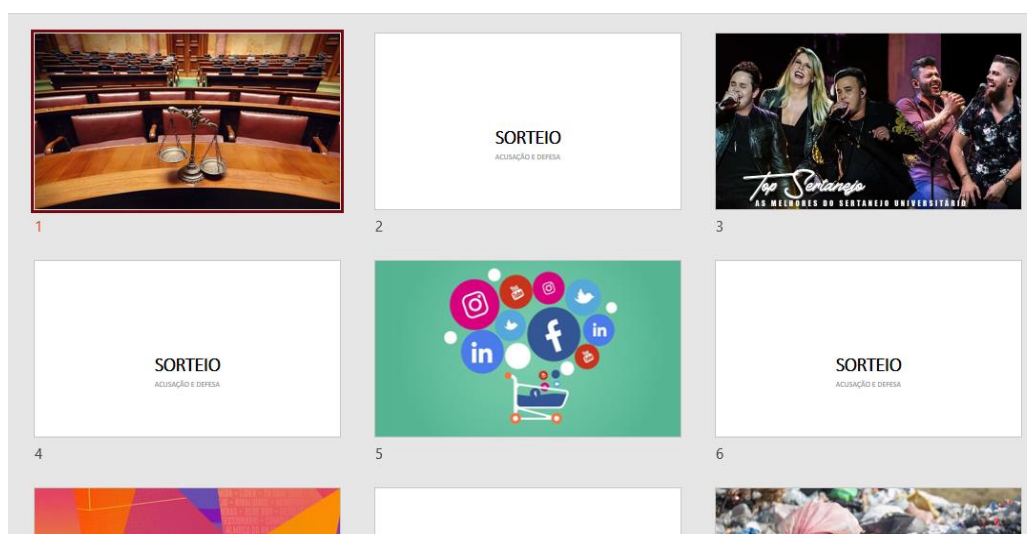
O ato de planejar foi desenhado a partir da aplicação conforme contexto sinalizado; criando meios próprios – documentos colaborativos, comunidade de aprendizagem; adaptando estratégias, mobilização de duas ou mais plataformas interacionais; recriando e tensionando ferramentas do “meio frio”; registrando e forjando uma comunidade de aprendizagem. As estratégias e condução das atividades teóricas e práticas serão descritas no próximo tópico.

“TERRA ALHEIA, PISA NO CHÃO DEVAGAR”: EXPERIMENTAÇÕES NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

O item apresenta uma complexidade no fazer dialógico mediado pelas ferramentas digitais, antes de qualquer mobilização de estratégias, uma sondagem preliminar sobre os meios, dispositivos e recursos técnicos nos quais o discente tinha disponível para as aulas remotas. 86% dos acessos era exclusivamente por um dispositivo móvel, já que para muitos o celular era o único recurso acessível. Munidos deste dado, quais formas de interação poderiam ser desenvolvidas e aplicadas nas rotinas de estudo e do currículo com

a turma? Os processos produtivos do fazer jornalístico e acadêmico perfazem normativas, orientações e notas técnicas, comentário, resenha crítica e a elaboração de artigo contendo relatório/resultado de pesquisas, modelos e padrões são pré-estabelecidos. A tônica das regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT não encontram convergência/pontos de articulação nos aplicativos disponíveis para dispositivos móveis.

Figura 04 - O paradigma do tribunal dos Apocalípticos e Integrados (Umberto Eco)



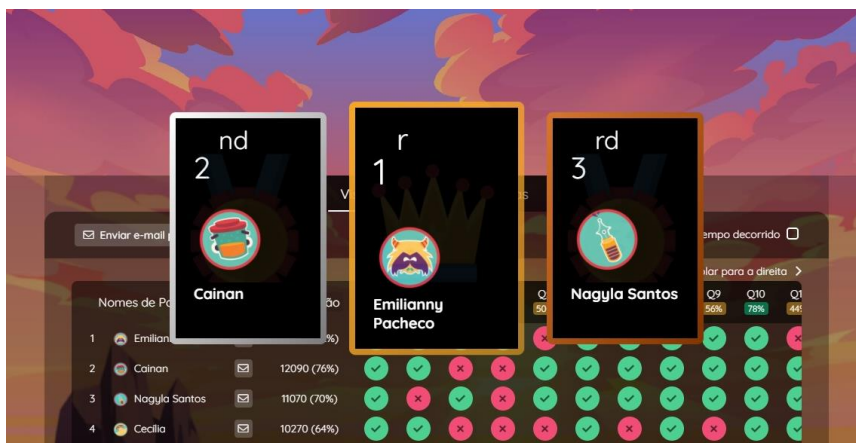
Fonte: extração da tela de apresentação de slides.

A atividade síncrona da disciplina Teoria da Comunicação II referenciou ao texto “O paradigma do tribunal”, proposto pelo pesquisador Everardo Rocha, e partiu de julgar, a partir dos argumentos da defesa e da acusação, os fenômenos contemporâneos que ilustram um cenário de massificação da cultura. A experiência foi desenvolvida em duplas organizadas por meio de um sorteio instantâneo, e demonstrou empolgação nos questionar os argumentos do/a colega por meio da leitura/análise crítica embasada na Teoria Funcionalista, no caso dos Integrados, e na Teoria Crítica, dos Apocalípticos. A atividade, por fim, chegou ao fim com a crítica de Umberto Eco: dois conceitos extremos não são suficientes para contestar ou defender um fenômeno social em sociedade em movimento contínuo e dinâmico.

A experiência exemplificou na prática que, o docente/mediador, ao realizar uma sondagem, na qual os dados revelam uma massiva/expressiva utilização de dispositivos móveis na forma de acesso às plataformas, precisou explorar outras áreas/zonas de

contato com os/as discentes. O segundo movimento é a mobilização e acionamento de documentos/apresentações colaborativos, recurso acessível e dinâmico bastante apreciado durante as aulas síncronas de Teorias da Comunicação II.

Figura 05 - O quiz como mecanismo de revisão das correntes teóricas da Comunicação

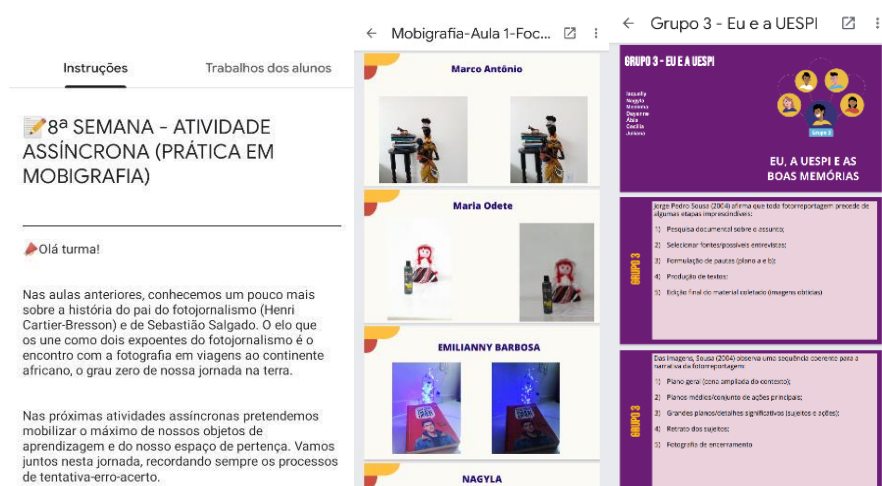


Fonte: Extraído da tela com o resultado final do Quizizz.

A dinâmica acima foi aplicada no fim da aula utilizada para revisar as principais correntes teóricas da Comunicação. O objetivo da atividade foi testar os conhecimentos e as habilidades da turma no que se refere aos conteúdos já ministrados. O docente preparou dezessete questões de múltipla escolha na plataforma Quizizz e disponibilizou um link de acesso para a turma. Cada discente tinha que acessar o link e aguardar o toque de largada. Assim que toda a turma se organizou na plataforma com seus avatares, a atividade iniciou. Ocupava as primeiras colocações aquelas/aqueles que acertasse o maior número de questões em menor tempo. A vivência proporcionou um momento de descontração e disputa por saberes coletivos e partilhados ao final da atividade.

A prática laboratorial em Fotografia e Fotojornalismo foi realizada a partir dos meios e recursos próprios disponíveis nos contextos de cada estudante e, para a realização desta experimentação, realizamos oficinas baseadas nas técnicas de Mobgrafia ou Mobgrafia.

Figura 06 – O fazer laboratorial no ensino remoto

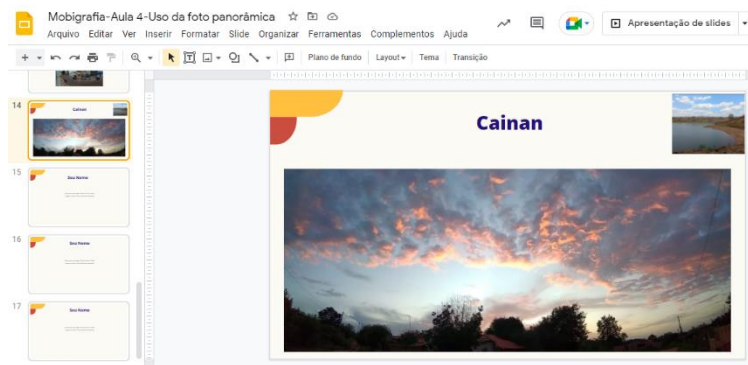


Fonte: extração das telas do laboratório de Fotografia.

Nas extrações de telas, a parte prática foi elaborada a partir de 06 aulas tutoriais com temas variados, a exemplo do foco em diferentes planos, enquadramento, modo panorâmico. Os exercícios práticos com o resultado das experimentações tentativas foram publicados em documento de apresentação colaborativa e refletidas coletivamente no início de cada aula síncrona. O laboratório prático de Fotografia e Fotojornalismo previa, a partir da ementa do curso, uma atividade laboratorial baseada em três eixos temáticos: “Religiosidades Piauienses”; “Gente de Picos”; “Eu e a UESPI”. Em paralelo com as atividades práticas do laboratório, a escolha do tema/assunto ficou a critério dos estudantes.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (1996) nos adverte para a dimensão do poder criativo dos estudantes quando são incentivados a vivenciar plenamente o processo da autonomia do ser, desde suas reflexões em modos/fazeres. Ao educador/a, a mediação transcorre pela prática da escuta empática/sensível dos desafios, propondo soluções e construindo novas perguntas para que o grupo possa construir coletivamente saídas e encaminhar ações. Ou seja, produzir um conhecimento significativo desenvolvido em uma trilha de aprendizagem que estimule cada habilidade/competência desenvolvidas pelo sujeito cognoscente.

Figura 07 – Pausando os fluxos digitais: o olhar sensível

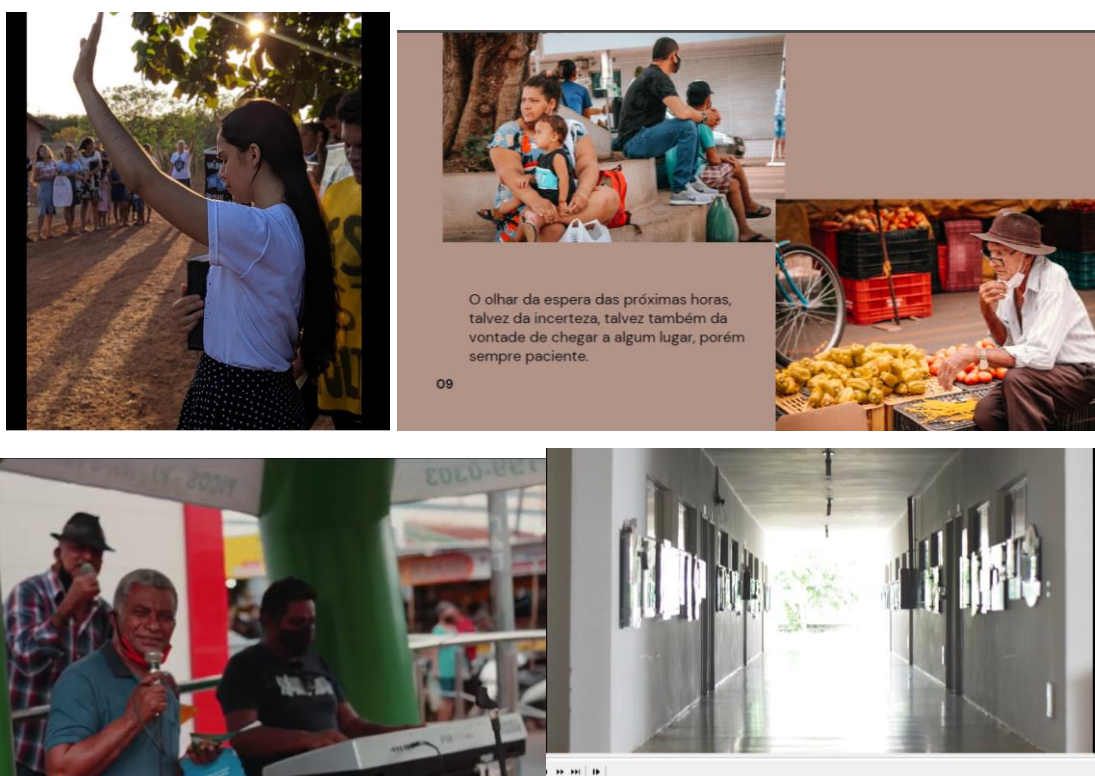


Fonte: Extração de tela da quarta aula prática em Mobigrafia e o uso do recurso panorâmico.

No caso em tela, o estudante revelou que a segunda imagem, mais significativa, foi obtida no final da tarde após temporal e a comunidade ficar sem energia elétrica e internet. Inference-se, neste sentido, que o olhar sensível se apresenta em outros tempos de desconexão, de “pausa” do digital.

A experiência e os materiais audiovisuais desenvolvidos pelas equipes de trabalho superaram as expectativas do próprio plano de ensino, pensado a partir de um local exógeno/obstante dos estudantes, o que confirma a hipótese acima: a máquina por mais esforços intente captura/decodificar e construir, a mesma não se manifesta, sem os comandos/inputs do esforço criativo do trabalho humano.

Figura 08 – Registros humanos em mediação tecnológica



Fonte: Discentes do curso de Jornalismo, Campus Professor Barros Araújo, Universidade Estadual do Piauí.

Os episódios, extrações baseadas nos vídeos, imagens e textos produzidos pelos/as estudantes apresentam uma materialidade enquadrada a partir do processo de “reencantamento” do mundo, em um ambiente configurado em uma pausa do ordenamento sistêmico das linhas do tempo, lógica dos “tempos de turbilhão”, exigindo dos atores, esforços jamais empreendidos para desvelar o “grau zero” do estado natural das coisas. Os materiais foram exibidos para os estudantes e docentes do curso de Jornalismo, ocasião/culminância que oportunizou falas destes futuros profissionais que venceram o desafio da pandemia, das distâncias e do uso apropriado das plataformas para o encontro de habilidades/competências pelas vivências enriquecidas de sentidos.

CONCLUSÃO

O presente artigo descreveu a problemática da hipermediatização nas plataformas digitais a partir de um estudo netnográfico sobre a mediação com o uso e apropriação das ferramentas educacionais de ensino remoto, neste caso a plataforma e ecologia técnica do *Google for Education*. Ao apresentar experiência com os estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, a proposta buscou deslocar as visões

apocalípticas e deterministas sobre as plataformas digitais. O ensino remoto, seus aplicativos, plataformas e recursos representam uma gama de estratégias deste mesmo trabalho humano, processo tentativo, como observado nas fragilidades/limitações dos dispositivos móveis apresentados. O algoritmo e a indústria por trás desta estrutura com suas redes, servidores, cabos, provedores e usuários disputam preferência e referencialidade deste trabalho de natureza imaterial.

A educação, das etapas básicas ao nível superior, sentiu as afetações do cenário de isolamento social. Nos interessa questionar, refletir e endereçar uma pauta pertinente dos tempos contemporâneos. A tecnologia seria capaz de fomentar processos criativos a exemplo do uso dos documentos colaborativos de “Fotografia e Fotojornalismo” ou nos questionários virtuais/interativos de Teorias da Comunicação II? As práticas de ensino e aprendizagem revelam uma problemática no campo dos investimentos em formação contínua e na divulgação de materiais/métodos e operacionalizações das plataformas, expertise esta construída pelo contato humanizado com o educando.

REFERÊNCIAS

FAUSTO NETO, Antônio. **Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação.** In: Compós, Encontro da Compós, 18., Belo Horizonte, 2009

FERREIRA, Jairo. **A construção de casos sobre a midiatização e a circulação como objetos de pesquisa:** das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. Galáxia (São Paulo), São Paulo, n. 33, p. 199-213, Dec. 2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia-saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARETTO, Paulo R. **Midiatização da religião.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos, São Leopoldo, 2009.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e Ética da Comunicação na Midiatização da Sociedade.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

KOZINETS, Robert. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Ed. Penso, 2014.

PATTON, Michael Quinn; GUIMARÃES, Vilma. **Pedagogia da avaliação e Paulo Freire:** incluir para transformar. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2018

PROULX, Serge; FEIRREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula da. **Midiatização e redes digitais**: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

ROSA, Ana Paula. Imagens totens em permanência x tentativas de rupturas. *In*: CONTRETA, M.; ARAUJO, D. (Org). **Teorias da imagem e do imaginário**. Brasília: COMPÓS, 2014, p. 28-49.

ROSA, Ana Paula. **Imagens em proliferação**: a circulação como espaço de valor. *In*: Colóquio Semiótica das Mídias, 5., 2016, Japaratinga. Anais [...]. UFAL: Japaratinga, 2016. p. 01-14.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

SUASSUNA, Ariano. **Aula espetáculo de Ariano Suassuna no TST**. Publicado em: 29 jul. 2014. Disponível em: https://youtu.be/-f69eE_J7Jc. Acesso em: 25 maio 2022.